Volume 13, nº 2, 2025
https://doi.org/10.30620/gz.v13n2.p87

Grau Zero
Revista de Crítica Cultural

CARTAS PARA JORGE AMADO: ESCRITAS CRIATIVAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Elisabeth Silva de Almeida Amorim
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Resumo: Este texto tem como objetivo socializar experiências pedagógicas exitosas de leituras e escritas realizadas com estudantes da Educação Básica, com o intuito de diminuir a distância entre a obra literária do escritor baiano Jorge Amado e jovens estudantes de escola pública. Através de textos epistolares, os estudantes trocam suas primeiras impressões sobre romances de Jorge Amado, como *Capitães da areia* (1937) e Gabriela, cravo e canela (1958), despertando a curiosidade dos leitores das cartas. Com base na abordagem intersemiótica defendida por Barthes (1980) e prática metodológica da desmontagem literária proposta por Amorim (2016), sob a ótica desconstrutivista de Derrida (2014), almejamos os resultados: promoção de leitura da literatura baiana; incentivo à formação de leitores e leitoras; fortalecimento da prática metodológica da desmontagem literária; e propagação de escrita criativa entre os estudantes da Educação Básica.

Palavras-chave: Literatura baiana. Escrita criativa. Educação Básica.

LETTERS TO JORGE AMADO: CREATIVE WRITINGS OF BASIC EDUCATION STUDENTS

Abstract: This text aims to share successful pedagogical experiences of reading and writing carried out with Basic Education students, with the goal of narrowing the gap between the literary work of the Bahian writer Jorge Amado and young students in public schools. Through epistolary texts, the students exchange their first impressions of novels by Jorge Amado, such as *Capitães da areia* (1937) and *Gabriela, cravo e canela* (1958), sparking the curiosity of the letter readers. Based on the intersemiotic approach defended by Barthes (1980) and the methodological practice of literary deconstruction proposed by Amorim (2016), under the deconstructivist perspective of Derrida (2014), we aim for the following results: promoting the reading of Bahian literature; encouraging the development of readers; strengthening the methodological practice of literary deconstruction; and fostering creative writing among Basic Education students.

Keywords: Bahian literature. Creative writing. Basic Education.

Primeiras resistências nas narrativas iniciais

Parece fácil falar de um escritor nordestino, baiano, superpremiado, com obras traduzidas em mais de 50 idiomas e publicadas em diversos países. No entanto, quando se trata de Jorge Amado (1912-2001), essa facilidade é apenas aparente. Um dos autores mais populares do Brasil, Jorge Amado escreveu mais de 30 romances, além de contos, novelas e literatura infantil. O grande destaque de sua trajetória literária está na exaltação da cultura popular baiana, por meio do empoderamento de personagens socialmente marginalizados – como os meninos de rua de *Capitães da Areia* e a retirante cozinheira Gabriela, protagonista do romance homônimo.

Submissão: 12 mai. 2025 ⊶ **Aceite**: 10 ago. 2025

BY-SA

Ilhéus e Salvador servem de cenário para as narrativas de Jorge Amado, um menino grapiúna que cresceu ouvindo e vivenciando narrativas sobre as constantes brigas pela posse da terra, incentivadas pelos coronéis do cacau no Sul da Bahia. Fazendo bom uso do que aprendeu ao longo da vida, publicou seu primeiro romance aos 18 anos de idade: *Um país do carnaval*. Dono de uma linguagem peculiar – mescla crítica social, sensualidade, misticismo, humor, ousadia e criatividade –, Jorge Amado foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, durante o período ditatorial, sofreu perseguições, passou por exilio e enfrentou prisões. No entanto, nada o impediu de seguir escrevendo, e suas obras conquistaram o mundo – assim como a Bahia de Jorge Amado.

Apesar de suas obras circularem amplamente fora do país, muitas vezes estão distantes das bibliotecas escolares no interior da Bahia. Talvez porque, devido as questões políticas e polêmicas em torno da representação linguística dos povos baianos – por alguns considerada de baixo calão –, muitos optam por não ler nem indicar seus livros aos alunos, justificando, como afirmou uma professora de Literatura Brasileira, que "a escrita é pobre e ofensiva aos nossos ouvidos".

Acreditamos que a escrita amadiana não é pobre; pelo contrário, ela retrata a vida de pessoas comuns, que muitas vezes passariam anônimas na sociedade, mas que, aos olhos de Jorge Amado, tornaram-se mundialmente conhecidas por meio de personagens marcantes como Gabriela, Cravo e Canela, Tieta do Agreste, Dona Flor, Pedro Bala, Pedro Arcanjo, Jubiabá, entre outros.

Mas como quebrar o estereótipo que se criou em torno da escrita de Jorge Amado? Romper essa blindagem não é tarefa fácil. No entanto, este texto propõe a apresentar algumas experiências pedagógicas exitosas, desenvolvidas com estudantes de Ensino Médio que, mesmo sem conhecer o autor, já "odiavam suas obras" por ouvirem falar que "eram literaturas menores".

Todavia, ao buscarmos a definição de literatura menor defendida por Deleuze e Guattari ([1975],1977, p. 25) encontramos: "Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização." Indo além, os autores, com base nas contribuições de Kafka, defendem que tudo em uma literatura menor é político – mesmo nos casos individuais, a política está sempre presente.

As barreiras encontradas, que dificultaram o acesso aos livros de Jorge Amado na biblioteca escolar, serviram de incentivo para buscarmos fontes alternativas – desde a internet até as bibliotecas particulares de professores leitores, além de acervos em diferentes unidades escolares públicas e privadas. E um dos primeiros passos foi a pergunta simples, mas essencial: "Quem tem livro de Jorge Amado?" Assim, conseguimos suprir as necessidades básicas das equipes de estudantes de Ensino Médio que precisavam conhecer a literatura amadiana a partir das leituras mais imparciais.

Sem dúvida, foi uma experiência exitosa. Como os livros mais lidos foram *Gabriela, Cravo e Canela* ([1958], 2001) e *Capitães da Areia* (1937), organizamos este texto em três capítulos. O primeiro, intitulado "Eu (não) nasci assim, Gabriela!" discute a teoria da intersemiose defendida por Roland Barthes à luz dos encantos da Gabriela, de Jorge Amado – uma figura de múltiplas faces, que transita da amante ardorosa à conselheira política, sempre se posicionando, mesmo em contextos tensos e desfavoráveis à mulher, quando a honra ainda era lavada com sangue.

No segundo capítulo, discutiremos o papel fundamental de Dora no romance *Capitães da Areia*, analisando como essa menina-mulher chega e se impõe no grupo de meninos de rua, liderado por Pedro Bala. A adolescente que se "torna mãe" – não apenas do seu próprio irmão, mas de vários meninos carentes, que precisavam ser acolhidos e encontraram nela uma figura materna.

Por fim, encerramos com o intricado jogo de cartas trocadas entre os estudantes, não apenas da própria turma, mas também de outras salas vizinhas – e que chegaram até as redes sociais, como o blog *Toque Poético*. Nessas cartas, os alunos expressaram suas leituras, dúvidas, queixas e sugestões, não apenas para o autor dos livros lidos, mas a alguns personagens. Essa prática pedagógica configurou-se como uma instigante desmontagem literária, na qual a desconstrução, conforme defendida por Derrida, se faz presente em todas as etapas deste artigo.

1. Eu (não) nasci assim, *Gabriela*!

Eu nasci assim, eu cresci assim
E sou mesmo assim, vou ser sempre assim
Gabriela
Sempre Gabriela.
(Gal Costa, 1988)[1]

Quando trazemos para o bojo da discussão a personagem Gabriela, é preciso atentar para o contexto retratado por Jorge Amado. O autor ambienta a narrativa na Ilhéus dos anos de 1920, uma cidade politicamente dominada pelos coronéis do cacau, mas que começava a se abrir, com grande entusiasmo e expectativa, ao progresso que batia à porta. Em um lugar em que a honra era lavada com sangue, a chegada da retirante Gabriela como cozinheira no restaurante de Nacib – justamente no dia em que os ânimos estavam exaltados pelo assassinato de um casal em adultério – transforma o ambiente. Com sua beleza, sensualidade e espontaneidade, ela conquista a todos e altera tanto os discursos das rodas de conversa quanto a rotina do espaço tipicamente masculino.

Enquanto Ilhéus se divide entre a velha política do coronelismo e as propostas de modernização, Gabriela é a virada nos costumes locais. Cria suas próprias regras, desafia os padrões sociais impostos às mulheres da época e atua como agente de transformação em conflitos internos. Dessa forma, ela promove mudanças e revoluciona a até então pacata cidade. É a personagem mais icônica de Jorge Amado: uma heroína que subverte a ordem social estabelecida e assume sem pudor, o prazer pelo sexo livre, sem culpa e sem medo de conduzir o próprio destino.

E essa liberdade que emana de Gabriela encantava a todos que a conheciam, fossem adultos ou crianças. Em 1984, *Gabriela, Cravo e Canela* foi para o cinema, sob a direção Bruno Barreto, e obteve mais um grande sucesso de público. Por sinal, Nacib, seu patrão, foi o primeiro a não resistir à beleza e à sensualidade de Gabriela, desde os primeiros momentos. Ao encontrá-la deitada, esperando por ele, surpreende-se com a aparência da jovem – agora sem a poeira que cobria seu corpo quando a conheceu – e se encanta com sua verdadeira beleza.

1. Gal Costa, Modinha para Gabriela, MPB, álbum: Meu nome é Gal, 1988.

> [...] os cabelos longos espalhados nos ombros. Depois de lavados e penteados tinham-se transformados em cabeleira solta, negra, encaracolada. Vestia trapos, mas limpos, certamente os da trouxa. Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente. – Meu Deus! – Nacib ficou parado sem acreditar. A espiá-la, num espanto sem limites, como tanta boniteza se escondera sob a poeira dos caminhos? Caído o braço roliço, o rosto moreno sorrindo no sono, ali, adormecida na cadeira, parecia um quadro. Quantos anos teria? Corpo de mulher jovem, feições de menina [...] (Amado, 2001, p. 126).

O encantamento por Gabriela foi além do Nacib e dos diversos coronéis que a cortejavam. A protagonista do romance de Jorge Amado foi eternizada não apenas na literatura, mas também por meio da música – como a *Modinha para Gabriela*, interpretada por Gal Costa –, do cinema, da pintura e de outras manifestações artísticas exploradas nas aulas de Literatura Brasileira em turmas de Ensino Médio, em uma escola pública do interior da Bahia. Esse diálogo entre a literatura e outras artes está em consonância com a defesa de Barthes (1980), que propõe a junção entre literatura e semiologia como forma de fortalecimento mútuo, ao argumentar que a literatura, sozinha, não consegue sobreviver por muito tempo.

> [...] a literatura está dessacralizada, as instituições estão impotentes para protegê-la e impô-la como o modelo implícito do humano. Não é, por assim dizer, que a literatura esteja destruída: é que ela não está mais guardada: é pois o momento de ir a ela. A semiologia literária seria essa viagem que permite desembarcar numa passagem livre por deserança: nem anjos nem dragões estão mais lá para defendê-la (Barthes, 1980, p. 42).

Barthes aponta a literatura não como um corpo ou um conjunto de obras, mas como uma prática de escrita. Essa prática se realiza em diálogo com os signos, razão pela qual ele a define como um "grafo complexo das pegadas de uma prática". Indo além, Barthes identifica três forças de liberdade da literatura – *mathesis, mimesis e semiosis* – sendo que esta última, para ele, é a principal. Isso porque é a *semiosis* que possibilita o jogo com signos, não por meio da sua destruição, mas por meio da sua desconstrução linguística.

Sem dúvida, os estudantes de Ensino Médio, em diferentes épocas, apropriam-se da literatura a partir de outros signos. Um exemplo disso é o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, que se destaca como a obra mais discutida, interpretada e desmontada, e, consequentemente, multiplicada ao transitar entre diferentes formações discursivas. A seguir, um exemplo dessa desmontagem literária, extraído do Blog Toque Poético:

> Jorge Amado,
> Mando esta carta para parabenizar seu trabalho ilustre em "Gabriela, cravo e canela". Faz um sucesso grande seus personagens com personalidades fortes, com um encantamento deslumbrante, emocionando o público.
> A personagem Gabriela é a que mais chama a atenção, principalmente a dos homens, por ter um corpo sensual, ser simples, ingênua, optando por viver do seu jeito sem obedecer às regras da sociedade.
> A morte de Sinhazinha me entristeceu muito, peço ao senhor que deixe ela ser feliz com

> o amor da sua vida… Como já disse seu trabalho é um sucesso e espero que atenda o meu pedido.
> Obrigada, beijos.
> ALUNA da 3ª. Série do Ensino Médio, turma 5M. / 2012
> (Toque Poético, Blog, 2015)[2]

É interessante como a "Aluna" escreve ao autor de *Gabriela*, Cravo e *Canela* para expressar suas inquietações em relação as leituras feitas. Ela centraliza sua carta em torno de um pedido: que ele não mate os personagens flagrados em adultério, pois acredita que o amor deve prevalecer. Outro ponto relevante é o olhar da "Aluna" para a personagem Gabriela. Para ela, a influência da retirante sobre os homens se deve ao "seu corpo sensual, ser simples e ingênua" caracterizando-a como uma espécie de transgressora. Surge, então, uma pergunta provocadora: se Gabriela opta por viver à sua maneira, com regras próprias – como afirma a "Aluna" em sua carta –, ainda é possível identificar nela traços de ingenuidade?

Não temos a intenção de responder à pergunta anterior, mas sim de promover outras indagações ao colocar a literatura de Jorge Amado em diálogo com diferentes formas de arte, especialmente aquelas produzidas por estudantes do Ensino Médio. Gabriela é a menina-mulher que dançava no quintal apenas para agradar um amigo, que subia no telhado ou numa árvore para ajudar uma criança – mas também é aquela que, ao chegar ao comércio de Nacib com seus quitutes, fazia aumentar as vendas de bebidas. Essa multiplicidade de sentidos se evidencia na citação a seguir:

> [...] Uma súbita animação percorria o bar, como se a presença de Gabriela o tornasse mais acolhedor e íntimo.
> Do balcão, Nacib a via aparecer na praça, a rosa na orelha, presa nos cabelos. Semicerravam-se os olhos do árabe – a marmita cheia de comida gostosa, àquela hora sentia-se esfomeado, contendo-se para não devorar os pastéis e empadas de camarão, os bolinhos dos tabuleiros. E a entrada de Gabriela significaria mais uma rodada de bebida em quase todas as mesas, aumento de lucro. Ao demais, era um prazer para os olhos vê-la ao meio do dia, rememorar a noite passada, imaginar a próxima (Amado, 2001, p. 156).

É difícil falar da protagonista Gabriela, de Jorge Amado, sem associá-la a outros signos e manifestações artísticas. Ao assistirmos à adaptação cinematográfica homônima, por exemplo, a figura marcante da atriz Sônia Braga imediatamente nos vem à mente. Carlos et al (2017) observam que, por frequentar o bar de Nacib, muitos homens viam Gabriela apenas empregada – o que os encorajava a cortejá-la. No entanto, pelo fato de ela exercer um trabalho externo a diferenciava das demais mulheres da época, que eram educadas para os afazeres domésticos.

As interpretações das mulheres leitoras sobre Gabriela diferem, em muitos aspectos, das leituras feitas pelos homens. E o mais interessante: essas visões se transformam com o tempo. Mesmo a "Modinha para Gabriela", ao afirmar "Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre

2. Produção de estudante de Ensino Médio, Disponível em: https://toquepoetico.wordpress.com/2015/02/01/jorge-amado-um-jogo-de-cartas-projeto-educacao-basica/. Acesso: 29/05/2025

assim", precisa ser questionada. Gabriela foi construída para dizer "não" ao sistema patriarcal – ela aprendeu a se defender da fome, da seca e da pobreza. Ela aprendeu também a buscar o prazer sexual sem se submeter às normas sociais. E, ainda que soubesse agradar Nacib – vestindo roupas sofisticadas, usando sapatos elegantes, prendendo os cabelos ou indo a um concerto –, não deixou de agradar a si mesma, mesmo longe da presença dele.

Assim, não poderíamos encerrar este capítulo sem relembrar das palavras de Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1980, p. 9) "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher".

2. Dora, a menina-mulher de *Capitães da Areia*

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, a pongar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. [...] Dizia o professor: – Era valente como um homem... (Amado, 1997, p. 178 e 179).

Falar sobre o romance *Capitães da areia*, de Jorge Amado, lançado em 1937, é ao mesmo tempo doloroso e gratificante. Trazer as crianças de rua para o centro da narrativa amadiana é, de certa forma, lembrar que elas ainda estão nos mesmos espaços descritos pelo autor. Apesar de se tratar de uma obra com quase noventa anos e com forte teor de denúncia social, pouca coisa mudou para as comunidades pobres. Muitas crianças continuam nos semáforos, vendendo doces, sendo violentadas das mais diversas formas, perdidas no mundo das drogas, à margem da nossa sociedade. Órfãos não apenas de pais, mas de um país que ainda carece de políticas públicas eficazes para acolher e reintegrar socialmente esses pequenos cidadãos.

Dora, personagem que divide o protagonismo com Pedro Bala, líder dos *Capitães da Areia,* é uma adolescente órfã, responsável pelo seu irmão mais novo. Sem qualquer tipo de assistência, ela vê nas ruas da capital baiana a única possibilidade de sobrevivência. É nesse contexto que é encontrada pelos meninos de rua que integram o grupo liderado por Pedro Bala. A partir do momento em que é acolhida por ele, o bando dos "menores infratores" – como eram rotulados nas notícias dos jornais – nunca mais foi o mesmo. Dora se torna uma deles: esperta, ágil, valente e uma presença fundamental para o grupo.

Mesmo em um ambiente hostil e tipicamente masculino, Dora se destaca – não apenas por ser a única menina-mulher naquele espaço, mas pela forma como se insere no grupo. Ela passa a ser vista como espécie de mãe, conselheira e amiga daqueles meninos. A sua presença, de certa forma, ameniza o drama vivido e humaniza as ações do grupo; havia uma preocupação constante em saber como ela reagiria ou se sentiria diante dos conflitos.

A luta pela dignidade, presente ao longo de todo o romance, é especialmente marcante em Dora: a miséria não destrói a sua integridade. Ela mostra que não é preciso se corromper para sobreviver. Apesar de sentir uma forte atração por Pedro Bala, Dora se impõe com suas respostas inteligentes e atitudes firmes, ganhando o respeito de todos. Além disso, os meninos tinham grande admiração por Pedro Bala, e ao perceberem o possível vínculo entre ele e Dora, passaram a respeitá-la ainda mais e deixaram o caminho livre para essa aproximação.

As ações desses meninos eram constantemente denunciadas. Eles viviam correndo pelos becos e ruas de Salvador com objetos furtados nas mãos, que repassavam o mais rápido possível ao comércio local. O grupo morava em velho navio ancorado, cujo paradeiro a polícia tentava descobrir a qualquer custo. Para isso, muitos dos meninos eram torturados na tentativa de fazê-los revelar o esconderijo – mas resistiam, como foi o caso de Pedro Bala, que, mesmo sob violência, não cedeu.

> Pedro Bala sentia o corpo todo doer das pancadas do dia anterior. Mas ia satisfeito, porque nada tinha dito, porque não revelara o lugar onde os Capitães da Areia viviam. Lembram-se da canção que os presos cantavam na madrugada que nascia. Dizia que a liberdade é o bem maior do mundo (Amado, 1944, p. 175).

A luta travada por Pedro Bala era muito maior do que a solidão da cela onde foi jogado ao ser preso. Ele sonhava com a liberdade de direitos, com uma sociedade mais justa e igualitária – sonhos que incomodam, que o tiravam de um lugar de inquietação para impulsioná-lo à ação. Ele e Dora foram capturados pela polícia e enviados para prisões diferentes. Após fugir da cadeia, Pedro Bala vai até o reformatório onde Dora era mantida, mesmo contra a própria vontade dela, e a resgata.

Mais uma vez, a literatura dialoga com outras formas de expressão, e a seguir apresentamos uma produção estudantil, publicada no do *Blog Toque Poético*, que sintetiza o conflito real entre sociedade e grupos marginalizados. Trata-se de poema intitulado *Sociedade Corrompida*, escrito por um estudante do Ensino Médio identificado como 3BM/ 2016.

> Uma violência emergente
> Que precisa combater urgente
> Sociedade vingativa
> Que às vezes se vinga sem justificativa.
>
> Sociedade machista
> Sociedade ignorante
> Onde a mulher é violentada
> Sem nenhum motivo relevante.
>
> Em sorrisos inocentes
> Há olhares indecentes
> De pessoas desumanas
> Corrompidas entre a gente. [...]
> (Toque Poético, 2016)[3]

O texto apresentado carrega marcas recorrentes nas obras de Jorge Amado: da violência infantil à violência contra a mulher, da corrupção social ao combate ao machismo. A desconstrução literária, como propõe Derrida (2014), não compromete o prazer da leitura – ao contrá-

3. Fragmentos do Poema Humanidade corrompida, produção literária de Estudante de Ensino Médio, disponível em: https://toquepoetico.wordpress.com/2016/10/30/humanidade-corrompida-poesia/, acesso 30 de maio, 2025.

rio, segundo o filósofo, desconstruir é uma forma de intensificar o gozo textual. Percebemos o quanto os estudantes se mostram satisfeitos ao produzir algo novo a partir da leitura, sem, no entanto, descartar as fontes utilizadas, deslocando-se de uma formação discursiva para outra. Essa multiplicidade de textos gerados a partir de uma obra literária é o que Amorim (2016) identifica como *desmontagem literária*. Seguimos para o jogo de cartas.

3. Um jogo de cartas com a literatura amadiana

> O poder é uma prática social que se institui historicamente, visto que está sujeito a contínuas transformações. Como o poder não é um dado concreto, não pode ser considerado como propriedade de indivíduos ou instituições (Zinani, 2006, p. 58).

Há momentos em que os recursos pedagógicos parecem escassos – as bibliotecas escolares, por exemplo, muitas vezes não disponibilizam obras de Jorge Amado. No entanto, a criatividade dos profissionais da educação não pode ser aprisionada. Amorim (2016) propõe a *desmontagem literária* na Educação Básica como uma forma de romper com os engessamentos impostos pelos livros didáticos, frequentemente marcados por propostas pedagógicas fechadas. As oficinas de desmontagem funcionam como linhas de fuga, nas quais a literatura dialoga com a semiologia, fortalecendo-se mutuamente e, em certa medida, escapando aos dispositivos de poder. Zinani (2006) é precisa ao se ancorar em Foucault para defender a noção de poder como *prática social* em constante processo de transformação.

Ainda, Zinani defende que a constituição do sujeito feminino possui raízes históricas, pois qualquer mudança vivida pela mulher está diretamente relacionada a uma transformação em seu papel social – ou seja, a identidade é o fenômeno da construção simbólica. Em consonância com Beauvoir (1980), a autora reafirma que, em todas as épocas, o poder esteve nas mãos dos homens e, para torná-lo acessível às mulheres, grandes lutas foram travadas pelo reconhecimento e pela aceitação da capacidade feminina de atuar em diferentes espaços públicos. Tais lutas extrapolam o campo literário, como se observa no processo de aceitação vivido por Dora, personagem da obra *Capitães da Areia*, bem como por Gabriela, de *Gabriela, Cravo e Canela*.

Ao trazermos para este texto as produções criativas de estudantes do Ensino Médio em diferentes épocas, com base nas leituras que realizaram das obras de Jorge Amado – em especial *Gabriela, Cravo e Canela e Capitães da Areia* – observamos avanços significativos na prática da leitura. Ao priorizarmos uma abordagem intersemiótica, selecionamos algumas cartas escritas por estudantes, nas quais registraram suas primeiras impressões ao entrarem em contato com as obras. Vale destacar que, além de cartas, outros gêneros textuais também foram utilizados nas oficinas de produção, como cartazes, estudos de capas, grafites, charges, cordéis, entre outros.

> Oi Jorge,
> Eu gostaria de dizer ao autor que eu gostei muito da obra "Capitães da areia". Essa história denuncia o descaso com os moradores de rua de uma forma jamais vista antes. Não mostra os meninos como vilões e sim, como vítimas. Isso foi um alerta para a sociedade

> e para as autoridades tomarem as providências necessárias. A história é muito bem contada e elaborada. E a vida dos meninos de rua é plenamente entendido. Gostaria de dar parabéns ao autor, pelo talento e preocupação por pessoas que são tão discriminadas no mundo de hoje.
> ALUNA – 3ª. série de Ensino Médio, 5M/2012
> (Toque Poético, Blog, 2015)[4]

Ao retomarmos as resistências iniciais – marcadas pela rejeição ao desconhecido – observamos que elas foram gradualmente transformadas em exercícios prazerosas de leitura e escrita. Jorge Leal Amado de Faria, ou simplesmente Jorge Amado, escritor mundialmente conhecido, ao se aproximar dos estudantes por meio de suas obras, passou a ser carinhosamente chamado de "Jorge". O conhecimento gerou um poder que, até então, a aluna desconhecia. O autor que antes era visto como alguém que só "escrevia palavrões" passou a ser valorizado por sua sensibilidade ao exaltar a voz, em suas narrativas, de personagens marginalizadas e socialmente discriminadas. E a aluna da turma 5M/2012, por exemplo, destaca o prazer de ter lido *Capitães da areia* e de compreender as denúncias sociais presentes na obra de Jorge Amado.

É gratificante socializar produções escritas há mais de dez anos, nas quais os personagens que mais se destacaram não escaparam ao olhar perspicaz dos estudantes. Nacib, Gabriela, Pedro Bala, Dora e até o Professor, de *Capitães da areia*, são lembrados – este último, em especial, por sua atitude de "roubar livros e socializar a leitura com as demais crianças", conforme destacou um aluno. Para ele, essa é uma "ação louvável, porque muitos estudantes e professores têm acesso a livros e não compartilham com ninguém.". Seguimos agora para mais uma carta, dessa vez endereçada a Nacib.

> Caro Nacib,
> Longe de mim tomar parte da tua vida e já tomando, mas gostaria que adquirisse estas verdades como conselhos de uma amiga que supostamente o acompanha.
> O senhor precisa entender a pobre da Gabriela que se casou com o senhor sob pressão, e não porque realmente ela queria. Ela foi criada na liberdade, Nacib. Com isso não gosta de nada que a prenda, nem que a vigie. Pense também na felicidade dela e pare de ser tão egoísta.
> Pegue como conselho de vida que as coisas que amamos devemos deixar livres, se voltar é porque é seu, se não voltar é porque nunca foi nem será.
> Por fim, agradeço a compreensão e sinceramente espero que aja de tal forma. Mande abraços para Gabriela por mim e saiba que gosto de vocês.
> Atenciosamente,
> **ALUNA** da 3ª. Série do Ensino Médio- turma 5M/2012.
> (Toque Poético, Blog, 2015)[5]

4. Produção de estudante do sexo feminino, escola pública, datada de 2012, disponível em: https://toquepoetico.wordpress.com/2015/02/01/jorge-amado-um-jogo-de-cartas-projeto-educacao-basica. Acesso em 30 de abril de 2025.

5. Produção estudantil equivalente a carta 5, disponível em: https://toquepoetico.wordpress.com/2015/02/01/jorge-amado-um-jogo-de-cartas-projeto-educacao-basica. Acesso 30 de abril de 2025.

As produções criativas dos estudantes foram além das cartas afixadas nas paredes de uma escola pública de Ensino Médio, interior da Bahia – elas foram para as redes sociais, incentivando outros jovens a conhecerem as obras de Jorge Amado. A autora da "Carta a Nacib" não faz julgamento sobre a vida de Gabriela, mas já inicia afirmando que "não quer se envolver" – ainda que, claraente, já esteja envolvida. Esse é o poder da literatura: fazer com que o leitor se perca na narrativa e passe a "tomar parte da vida" dos personagens.

Quem nunca deu um palpite sobre a atitude de um personagem? Quem nunca julgou o final de um romance ou novela quando ele não agradou? É perfeitamente aceitável a fala da aluna ao expressar suas "verdades" a Nacib, protagonista do romance *Gabriela. Cravo e Canela.* Nesta carta, a leitora pede a Nacib que não seja egoísta, que não tente moldar a vida de Gabriela aos seus próprios padrões – e diz claramente: "pense também na felicidade dela e pare de ser tão egoísta."

Assim, muitas cartas foram produzidas, lidas, interpretadas e colocadas em diálogo umas com as outras. Cada estudante, a seu modo, deixou marcas daquilo que mais tocou no texto lido – ainda que essas marcas estejam entrelaçadas com outras leituras anteriores, como acontece com esta:

> [...] Você é o escritor brasileiro que mais foi adaptado para as telenovelas, filmes, você transmite emoções, trazendo tradições, religião e cultura. Tornou-se um ídolo, um mito na nossa literatura. "Em suas obras, há destaque para o pobre, o negro, os marginalizados, enfim todos os excluídos da sociedade que são apresentados de modo diferente, narrando-lhe a vida, os pensamentos, os desejos, ressaltando que estes também são humanos, mostrando igualdade e humildade. [...]
> ALUNA do 3º. Série do Ensino Médio, turma 6M/2012
> (*Idem*)

Ao escrever uma carta para a Gabriela, de Jorge Amando, não foi diferente: a protagonista foi amplamente elogiada, recebendo inclusive alguns conselhos dos remetentes, que não perderam a oportunidade de sua exaltar a beleza. Uma estudante, identificada como "aluna da 3a, Série, Ensino Médio, 5M/2012", escreve: "Todas as mulheres daí são submissas aos homens, mas a senhorita, não. És livre, tens uma naturalidade encantadora". A autora da carta 6 traz detalhes interessantes ao longo do seu texto criativo. Ela inicia a carta com "Linda Gabriela", numa clara tentativa de criar proximidade com a personagem. E conclui com uma declaração admirada: "Acredito que muitas mulheres gostariam de ser como a senhorita e agir da mesma forma que tu ages, pois diferente delas, fazes o que gosta naturalmente não se importando com o que a sociedade lhe impõe a fazer. Seja sempre Gabriela, linda, natural e livre."

Palavras finais

Por que a literatura de Jorge Amado continua tão atual e tão necessária? As produções estudantis apresentadas ao longo deste texto evidenciam a importância de apresentar esse escritor baiano aos estudantes do Ensino Médio. As barreiras iniciais foram grandes e resistentes, mas

mostraram-se plenamente possíveis de serem superadas. O "choque" entre os estudantes e a literatura de Jorge Amado deu-se, em grande parte, pela ausência da idealização feminina: as mulheres em suas obras são fortes, mesmo em meio a contextos adversos. São guerreiras que participam ativamente da construção de suas identidades, mesmo em ambientes dominados por homens.

As figuras femininas amadianas são sensuais, intensas, contraditórias e, acima de tudo, duras e resistentes. Jorge Amado lhes confere um lugar de destaque, revelando uma dimensão plural da mulher. Mesmo inseridas em contextos conservadores, essas personagens subvertem as normas sociais e criam suas próprias regras. Isso se evidencia nas figuras analisadas neste trabalho.

Dora, por exemplo, é a menina-mulher retirada do convívio dos meninos de rua em nome da preservação da moral social. Resgatada por Pedro Bala, mesmo com suas forças se esvaindo, deseja tornar-se sua mulher. Após consumar o ato sexual com seu amado, parte suavemente, deixando novamente aqueles meninos órfãos e desolados. Dora não entrou no grupo apenas para ocupar mais um espaço, mas para transformá-lo – e conseguiu.

As produções apresentadas são resultado das leituras e desleituras realizadas ao longo da trajetória estudantil. A maioria foi produzida há mais de dez anos, mas sempre em diálogo com outras de diferentes períodos. Infelizmente, não foi possível incluir personagens como Sinhazinha, Malvina, Glória, entre outras, pois o objetivo deste texto é destacar o diálogo entre a literatura amadiana com as cartas escritas por estudantes de Ensino Médio.

Ensinar nunca foi uma tarefa fácil – tampouco temos garantias de que uma experiência exitosa em uma escola será replicável em outra. No entanto, uma educação verdadeiramente transformadora se constrói aos poucos, com passos firmes, ainda que lentos. Não poderíamos nos omitir só porque a escola não dispunha de nenhum exemplar das obras do escritor baiano Jorge Amado. Como ensinar literatura na Bahia mantendo nossos escritores distantes das salas de aula?

Não temos uma receita pronta, mas foi possível perceber, nas produções e nas oficinas de desconstrução literária, o quanto os estudantes estavam traçando seus próprios caminhos de acesso e socialização da literatura lida. E, nesse processo, Jorge Amado se fez presente – como escritor, personagem e interlocutor.

Diante das muitas incertezas nos caminhos da educação, percebemos o quanto foi acertada a decisão de promover oficinas sobre a literatura de Jorge Amado. Assim, nossa aposta na formação de leitores e leitoras não apenas permanece firme, mas continua se expandindo, agora também circulando nas redes e ecoando além dos muros da escola.

Referências

AMADO. Jorge. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Editora Record, [1937],1977.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, [1958], 2001.

AMORIM, Elisabeth Silva de Almeida. *Desmontagem da literatura na Educação Básica*: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder. Saarbrucken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

BARTHES, Roland. *Aula*: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, Pronunciada em 07 de janeiro de 1977, Tradução Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova fronteira, 1980.

CARLOS, Lívia Alves Monteiro. *et al. Corpo formoso, alma de passarinho*: a representação do feminino em Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado. *In*: Revista Água Viva, v. 2, n. 2, agos/ dez, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, [1975], 1977.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução Marileide Dias Esqueda, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MOTTA, Alda Britto da. *et al. Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero*: A construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.